

UMA HISTÓRIA EM COMUM: O PENSAMENTO DE WALTER BENJAMIN E HERMANN DOOYEWWERD EM CONTRASTE

*Mário Norberto da Costa Júnior
Theo Machado Fellows*

RESUMO

Este trabalho toma como base uma sumarização da filosofia de Walter Benjamin e Herman Dooyeweerd e as contrasta para perceber suas concordâncias e discordâncias. Fundamentando-se em artigos de periódicos indexados e livros textos, o objetivo foi de perceber os contrastes de ambos quanto ao conceito do que seja a História. Para tanto, na primeira parte é feita a apresentação de uma breve biografia de Walter Benjamin, seguido de alguns conceitos centrais para o entendimento do seu pensamento e, conseqüentemente, a análise do seu conceito de história. No tópico seguinte é feito o mesmo exame na vida do pensador holandês Herman Dooyeweerd, os conceitos chaves do seu pensamento e a sua definição de História. Na parte final é realizado uma comparação da maneira como ambos concebem o que seja a História. A conclusão que se apresenta é da possibilidade de se fazer uma filosofia da história que considere outros pontos de vista, com uma atenção até para saberes como da teologia que embasaram a teoria de ambos. Fugir do óbvio e pensar o novo como algo possível de ser construído, é o que o pensamento desses filósofos apresentam, principalmente por meio do respeito ao outro e da atenção a um elemento inegociável de todos: a sua humanidade.

Palavras-chave: Walter Benjamin. Herman Dooyeweerd. Conceito de História. Teologia.

A STORY IN COMMON: THE THINKING OF WALTER BENJAMIN AND HERMANN DOOYEWWERD IN CONTRAST

ABSTRACT

This work is based on a summary of the philosophy of Walter Benjamin and Herman Dooyeweerd and contrasts them to perceive their agreement and disagreement. Based on articles from indexed periodicals and textbooks, the objective was to perceive the contrasts of both regarding the concept of what History is. Therefore, in the first part, a brief biography of Walter Benjamin is presented, followed by some central concepts for the understanding of his thought and, consequently, the analysis of his concept of history. In the following topic, the same examination of the life of the Dutch thinker Herman Dooyeweerd is made, the key concepts of his thought and his

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus –

AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universitat Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

definition of History. In the final part, a comparison is made of the way in which both conceive what History is. The conclusion that is presented is the possibility of making a philosophy of history that considers other points of view, with an attention even to know how of the theology that supported the theory of both. Fleeing the obvious and thinking the new as something that can be built, is what these philosophers think, mainly through respect for the other and attention to a non-negotiable element of all: their humanity.

Keywords: *Walter Benjamin, Herman Dooyeweerd, concept of History, theology.*

Introdução

O ideal de domínio do ser humano sobre a natureza sempre foi perseguido no desenvolvimento da cultura humana. Parece que a ordem divina de submeter e dominar a terra apresentada no livro do Gênesis marcou a ação do humano ao longo das Eras. Contudo, faltou por muito tempo os meios devidos para esse intento. Faltava-lhe instrumentos, uma teoria que explicasse a realidade e o ferramental de técnicas que permitissem essa dominação.

Com o advento da modernidade, no século XVI, pareceu que a caixa de ferramentas da episteme humana estava cheia. Era chegado o momento de libertar-se da dominação dos agentes da natureza e agora dominar sobre toda a Criação. Uma vasta gama de ações, reflexões e até maquinários como o telescópio, o microscópio e posteriormente a máquina a vapor deram o impulso que se desejava para exercer o controle desejado.

Agora o ser humano era senhor de si. Era chagada a hora da maioria, conforme expressa por Kant. Assim, ele destona Deus, toma a frente da criação e passa a dar o tom no jornadejar da vida. Porém, o governo de si traz várias consequências: sem um Deus que limitasse a ação das pessoas, o homem se tornou “lobo do próprio homem”, seu próprio destruidor impiedoso, deixando sequelas na natureza que ele tanto desejava dominar.

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

Ainda maiores foram as consequências na construção de uma nova forma de narrar a sua existência. Surge na modernidade os princípios de uma História (gr: *historein*) que não pergunta algo sobre si, não avalia, questiona como apresentada pela etimologia do termo. A partir de uma narrativa que dava voz aos donos da caneta e esquecia a vida daqueles que fazem canetas, passa o historicismo a narrar uma “bela história”, de caráter universal, com vista no progresso e com uma perfeição digna dos melhores contos para crianças.

De forma alguma poderia esse pensamento ser hegemônico, sem alguém o criticar. Daí vários pensadores fizeram críticas a esse modelo de concepção da História. Este trabalho toma como base uma sumarização da filosofia de Walter Benjamin e Herman Dooyeweerd e as contrasta para perceber suas concordâncias e discordâncias. Fundamentando-se em artigos de periódicos indexados e livros textos, o objetivo foi de perceber os contrastes de ambos quanto ao conceito do que seja a História.

Não faz parte do escopo dessa pesquisa apresentar uma aprofundada análise e reflexão sobre o tema. Ela se construiu como uma pesquisa exploratória que procurou tornar mais explícita a temática do que seja o conceito de História na visão desses dois pensadores que tinham vários pontos em comum na sua história de vida e pensamento, mas que dispunham de uma visão de mundo totalmente diferente.

O traçado dessa jornada é o seguinte: na primeira parte é feita a apresentação de uma breve biografia de Walter Benjamin, seguido de alguns conceitos centrais para o entendimento do seu pensamento e, conseqüentemente, a análise do seu conceito de história. No tópico seguinte é feito o mesmo exame na vida do pensador holandês Herman Dooyeweerd, os conceitos chaves do seu pensamento e a sua definição de História. Na parte final é realizado uma comparação da maneira como ambos concebem o que seja a História, o que é seguido por uma breve consideração final de tudo o que foi apresentado.

A jornada é breve, mas existe muito o que verificar no pensamento desses gigantes que deixaram um grande legado na esfera de ação de cada um. Fizeram história onde estiveram e pode-se dizer que ambos têm uma história em comum:

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

fizeram uma distinção entre a lei humana e a lei divina, apresentando uma perspectiva de história com novo significado. Vejamos a seguir.

1 Walter Benjamin

1.1 Breve Biografia

Walter Benedix Schönflies Benjamin nasceu em Berlim, Alemanha, no dia 15 de julho de 1892. Filho de Emil Benjamin, dono de um antiquário, e de Paula Schönflies, ele cresceu numa família abastada, da burguesia judia alemã. Como parte de sua educação estudou no Friedrich Wilhelm Gymnasium em Berlim. Em 1904, por causa de sua frágil saúde, foi matriculado em um internato, no campo, na Turíngia, onde conheceu o pedagogo Gustav Wynecken e sob sua influência ingressou no Movimento da Juventude Livre Alemã, de cunho socialista, a qual tinha como objetivo a reformar do sistema de Educação da Alemanha.

Em 1910, Benjamin começou a fazer publicações de ensaios e críticas sob o pseudônimo de Ardor na revista juvenil *Der Anfang* [O Começo], dirigida por Wynecken. Inscreveu-se na Universidade Albert-Ludwig de Friburg, em Brisgóvia, onde estudou Filosofia Neokantiana. Em 1913 foi para Berlim onde estudou lógica. Nesse mesmo ano, foi eleito presidente do Grupo de “Estudantes Livres”, que integrava o Movimento da Juventude. Ainda em 1914 retirou-se do Grupo e em 1915 rompeu com o Movimento e com Wynecken, por discordar do apoio dado à Primeira Guerra.

Nesse mesmo ano conheceu Gershom Scholen, dando início a uma grande amizade e passando a ter uma nova visão da política de esquerda e do judaísmo. Em 1917 casou-se com a militante Dora Pollak, com quem teve um filho, Stefan. Seguiu então para a Suíça, vindo a conhecer nessa época o filósofo marxista Ernst Bloch. Nesse mesmo ano ingressou na Universidade de Berna onde dá continuidade em seus estudos. Finalmente em 1919 defendeu seu doutorado com a tese intitulada *O Conceito da Crítica de Arte no Romantismo Alemão*.

Ao voltar para Berlim em 1922 publicou o ensaio *As Afinidades Eletivas de Goethe*, no qual faz importantes considerações sobre o papel do crítico. Em 1923

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

conhece Theodor Adorno e Siegfried Kracauer. Entre 1923 e 1925 trabalhou em sua obra mais ampla, o ensaio *Origem do Drama Barroco Alemão* [*Ursprung des deutschen Trauerspiels*]. Em 1924 passa um período em Capri, onde conhece Asja Lacis, que o inicia no marxismo. Em 1925 seu ensaio foi apresentado na Universidade de Frankfurt, mas lhe foi negada a licença profissional que lhe permitiria o acesso à docência do Departamento de Estética. Logo em seguida a rejeição de sua tese de livre docência, passou a colaborar na redação de artigos para jornais e revistas, entre elas a revista do Instituto de Pesquisa Social, mais tarde conhecida como “Escola de Frankfurt”.

Dois anos depois, Benjamin trabalhou na tradução de Marcel Proust e no final do ano publicou a obra *Sodoma e Gomorra* e o IV volume da obra *Em Busca do Tempo Perdido*. Em 1929 conhece o dramaturgo Bertolt Brecht, o qual participa na forma de construção do pensamento benjaminiano. No ano de 1930 separa-se de sua esposa Dora.

Com a ascensão do regime nazista, em 1933 Walter Benjamin emigra para Paris, na França. A situação fica mais recrudescida para os judeus na Alemanha. Assim, em 1935 as revistas e jornais alemães não aceitam mais nenhum dos artigos e contribuições de Walter Benjamin. Com esse cenário, a partir de 1937 recebeu ajuda mensal do Instituto de Pesquisa. Nesse mesmo período fez diversas tentativas de naturalização francesa, porém, não logrou sucesso em nenhuma. No ano de 1939 foi destituído da cidadania alemã.

Com a invasão nazista na França nesse ano, Walter Benjamin atravessou Paris com o objetivo de chegar à Espanha e embarcar para os Estados Unidos. No dia 26 de setembro chegou ao porto de fronteira, mas os espanhóis recusaram dar passagem. Por questões burocráticas ele foi impedido de passar para a Espanha. Vendo-se ameaçado de cair nas mãos dos nazistas, se suicida com uma dose letal de morfina que tinha trazido consigo em Port Bou, fronteira franco-espanhola, no dia 26 de setembro de 1940.

Mesmo com um período de vida tão curto, apenas 48 anos, Walter Benjamin deixou ideias profundas em seus ensaios, como *A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica* (1936) e as *Teses Sobre o Conceito de História* (1940).

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

Seus livros foram apenas três, a sua tese de doutoramento *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão* (1919) a tese *Origem do Drama Barroco Alemão* (1928) e o *Rua de Mão Única* contendo ensaios e reflexões que também foram publicadas em 1928.

1.2 Alguns conceitos chave para o entendimento do pensamento de Walter Benjamin

Como todo pensador, Walter Benjamin possui características próprias e uma matriz conceitual que o diferencia dos demais. Isso ainda deve ser considerado dentro do próprio desenvolvimento do seu pensamento, o qual possui uma fase mais jovem, com características mais idealistas, e outra mais madura, onde imagens “utópicas” e revolucionárias ganham força. Nessa última aconteceu sua adesão ao marxismo e a apropriação do conjunto de conceitos que permitem a Benjamin fazer duras críticas ao capitalismo de então.

Cabe aqui uma ressalva, porém. Walter Benjamin nunca procurou deixar um elaborado sistema filosófico. Seu objetivo diante das reflexões que realizava era fazer uma oposição entre a realidade que se apresentava no mundo vivenciado por ele e a possibilidade de uma revolução apresentada pelo “Messias”. Benjamin, mesmo comungando das ideias marxianas, fez duras críticas ao conceito de progresso apresentado por essa teoria para o desenvolvimento da História, além da concepção burguesa de trabalho, indústria, tempo etc. Seu enfoque foi dar voz aos vencidos no decorrer no processo de luta de classes na História.

Nesse diapasão, o materialismo benjaminiano procurou substituir a ideologia naturalista de progresso, que era então usada como fundamento no pensamento marxista, por um simbolismo presente na cultura judaica: a vinda do Messias. A visão evolutiva automática do fazer histórico estava arruinada. Ela dava mais voz aos vencedores que o próprio marxismo procurava combater. Assim, a ideia de um rompimento no tempo, com a chegada do Messias, o que pode ser entendido nos escritos de Walter Benjamin com a revolução dos vencidos ao longo da História. O proletariado explorado seria o Messias que transformaria num momento todo o *status quo*. O pensamento era quebrar o otimismo injustificado no progresso, além de uma

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

visão de linearidade histórica. A vivência de todo o cenário de ascensão nazista em sua época serviu de exemplo para várias de suas considerações.

Além do aspecto histórico, Benjamin tratou da arte e sua expressão. No seu ensaio *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*, o autor em estudo destacou o importante conceito de “aura” nas obras de arte. Este simboliza a singularidade de cada obra, uma vez que na tentativa de se produzir diversas cópias da mesma, dilui-se a aura e perde-se o valor artístico daquela produção artística. Entretanto, Benjamin não via isso como de todo ruim. Certamente sua amizade com Bertolt Brecht e percebendo a evolução das técnicas de fotografia e do próprio cinema de então, Walter Benjamin viu nesses meios um aliado para o contato das massas com a produção artística da cultura humana.

Uma das bases para se entender a perda dessa aura artística era o poder da visão. Ao contemplar um espetáculo de teatro, os assistentes captam de forma direta e consciente aquilo que se passa no palco. Porém, nas técnicas cinematográficas, o público não está presente. A máquina, ou seja, a câmera tem a primazia até sobre os atores, sendo capaz de representar por estes, como em momentos de “deslocamento”, “balanço” etc. Essa ação de captação da imagem leva a uma inconsciência visual, enquanto na psicanálise seria percebida uma inconsciência instintiva.

Finalmente, não é possível deixar de retomar a um aspecto que é característico da filosofia benjaminiana: o uso da teologia. Mesmo comungando de uma visão de mundo marxista, Walter Benjamin vai buscar nos fundamentos do judaísmo a ideia de um Messias redentor, o qual mudaria o curso da História. Essa posição poderia trazer desconforto a alguns pensadores na contemporaneidade, porém, é importante verificar as implicações da teologia na construção da filosofia benjaminiana.

Primeiramente, é importante destacar que não existe uma antítese entre a teologia e o pensamento de Walter Benjamin porque a sua concepção de teologia não segue moldes metafísicos, conforme observados no cristianismo. Não existe uma relação direta sagrado/profano, mas uma concepção niilista e crítica a toda a experiência de humanidade trazida pela modernidade. Na realidade, segundo Milman (2003, 236), Walter Benjamin era “inconformista, radical e agnóstico”. Entretanto, Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus –

AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

mesmo passando longe de uma concepção de mundo teoreferente, Benjamin vai buscar nos elementos profanos os motivos teológicos que darão subsídios para o seu pensamento. Theodor Adorno chamou isso de uma “teologia inversa”.

Na realidade, muitos dos conceitos empregados por Walter Benjamin podem apresentar-se como uma expressão “alegórica” daqueles termos já cunhados pelo pensamento judaico e cristão. Isso torna ainda mais complexo o processo de interpretação dessas ideias (MILMAN, 2003, 237). Dentre os termos apresentados, enfatizados como exemplo a “salvação” que viria com o Messias. A concepção benjaminiana estava bem próxima da ideia de apocatástase que foi empregada por alguns ramos agnósticos no início do cristianismo e difundida por Orígenes de Alexandria. Assim, Walter Benjamin concebe uma restauração, após o “juízo final” de todas as coisas. Tudo que é mal será redimido e mudado.

Ligado a essa ideia está a vinda do Messias. Observa-se que esse ideário está mais direcionado à concepção judaica de Messias do que a cristã. Assim, a vinda do “Ungido” não apresenta a referência de personalidade, mas de um evento grandioso e transformador do *status quo* vigente. Especialmente nas *Teses sobre o conceito de História*, especialmente nas teses 12, 15 e 17 a teoria benjaminiana deixa patente que as referências ao Messias estão conectadas ao agente revolucionário marxista, ou seja, ao proletariado (BENJAMIN, 1987).

Nesse ponto, porém, cabe um adendo: Walter Benjamin não vê a Revolução do proletariado como a locomotiva da história. Ao contrário, ela a concebe como o freio que irá impedir o avanço do desenvolvimentismo e a possibilidade de resgate das aspirações do passado marxista (BOLZ, 1992). Assim, na concepção de Walter Benjamin, a teologia serve como um restaurador da revolução que os revolucionários não souberam concretizar. Ela dá ao marxismo uma nova ferramenta: a possibilidade de discutir elementos de uma dimensão infinita da realidade, as quais a teoria socialista não sabia lidar naqueles dias. Para um mundo destruído pela Primeira Guerra mundial e na iminência de uma Segunda, o pensamento benjaminiano buscou apresentar sinais de uma solução plausível e possível, utilizando-se de uma linguagem teológica, própria da cultura europeia de seus dias.

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

1.3 O conceito de História para Walter Benjamin

A exemplo de autores como Santo Agostinho, os conceitos benjaminianos estão dispersos ao longo de toda sua obra. Entretanto, a profundidade do pensamento desse filósofo vale o esforço para a construção de um conceito que ele procurou transformar ao longo de seus escritos: a história e o progresso humano.

Importa primeiramente lembrar que Walter Benjamin se uniu em 1920 a *Jugendbewegung*, grupo com vertente socialista utópica, mas que possuía grande afinidade com setores reacionários da sociedade alemã. A base de sua filosofia da História é o materialismo histórico do marxismo. Entretanto, o mesmo Benjamin apresentou críticas a alguns dos princípios dessa filosofia, construindo assim um pensamento particular, cercado por imagens e símbolos que tornam a compreensão dessa temática alvo de grande esforço e concentração.

Mesmo estando dispersos os conceitos quanto à História em vários de seus escritos, as principais obras de Walter Benjamin que enfocam o assunto são o *História e Coleccionismo: Eduard Fuchs* e *as Teses sobre o conceito de História*. Faremos um apanhado geral sobre ambas para dispor sobre a essência do pensamento benjaminiano sobre a História.

O texto *História e Coleccionismo: Eduard Fuchs* foi escrito ente 1935 a 1937, no qual são usados conceitos da arte para fazer uma crítica à concepção de história apresentada pela burguesia, própria do historicismo, além de algumas críticas ao avanço progressista da história, como era visto pelo marxismo europeu dos anos de 1930 e 1940.

Importa destacar aqui que Fuchs foi um pesquisador alemão, marxista, colecionador de arte que apresentou fortes críticas e sátiras à moral e à política alemã. Benjamin considerava Fuchs um precursor de uma “reflexão materialista da história”, destacando-se pelo uso da arte como “caricaturas” do momento histórico experimentado pela cultura daquele momento do artista.

A tese do escrito estava em criticar a história da cultura com base nos princípios historicistas. A ideia era apresentar uma releitura da história por meio da análise das obras de Eduard Fuchs, fazendo uma crítica àquela leitura contemplativa do passado, Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com
Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

com ênfase aos elementos épicos clássicos, e que se diz neutra (buscar os fatos como foram naquela época). Nesse cenário, o passado está totalmente desvinculado do presente, sendo apenas um nexos causal deste.

Essa concepção historicista tem suas bases no positivismo, o qual cindiu os fatos ocorridos no passado em pequenas partes para analisá-los cientificamente, e, posteriormente, reelabora-os conforme a linearidade das consequências dos mesmos para a vida social. O ideal de uma concepção naturalista estão bem presentes nessa abordagem, deixando claro o domínio científico sobre os fatos e o otimismo quanto à melhoria social no futuro, conforme se observa na teoria dos três estágios sociais, de Augusto Comte.

Walter Benjamin vê nessa construção teórica “a correção do passado pelo uso da técnica, perdendo de vista a destrutividade social constituída por ela, ratificando, assim, o processo de coisificação das relações humanas com a história e do fetichismo pela própria técnica” (ASSIS; CORDEIRO, 2013, 192). Para corrigir isso era necessário ligar o presente ao passado sem tal coisificação, desmistificando o ideal de harmonia, beleza e unidade que compunha a história da cultura de então.

O próprio Benjamin percebe que existe uma concepção distorcida no próprio marxismo que lida com as questões culturais de forma distanciada das econômicas e sociais. Na realidade, a concepção positivista está marcadamente forte na concepção de progresso histórico, herdado do positivismo. Assim, Walter Benjamin apresenta uma imagem dialética do passado, destacando a realidade da vida moderna como relacionada à barbárie, o que tem solapado a vida de significado.

Nesse caso, o que deve ser feito é construir a história da cultura não com vistas ao passado, mas estabelecida no presente, o que foi chamado de *transmissão*. Segundo Assis e Cordeiro (2013, 194), “a partir do processo de dessubstancialização daquilo que se costuma chamar de *cultura*, é possível pensar ela mesma (a cultura), como um ‘manancial de tenacidade, de humor, de resistência e de questionamento da continuidade da dominação’”. O conceito é de romper com a “herança do passado” e conceber as obras e acontecimentos já ocorridos como perdurando até o presente. O passado está continuamente operando até o “hoje”.

A ideia principal é ter uma concepção do passado pela ótica dos vencidos, daqueles que não foram os grandes heróis da história, da classe operária que mantém o “fluxo do progresso” cotidianamente. A busca de Walter Benjamin é com o rompimento do progressismo fascista que leva ao regresso social e ecológico.

Na outra obra, *Teses sobre o conceito de História*, a qual foi escrita em 1940, próximo da morte de Benjamin, consolida o pensamento benjaminiano sobre a História. Composto por dezoito aforismos permeados de imagens, de alegorias que necessitam ser compreendidas para revelar a grandeza do pensamento do autor.

A ideia é que assim como “o alegorista trabalha com objetos, o historiador deve proceder com os documentos, com os fragmentos da história. O historiador passa a ser o único que é capaz de interpretar novos sentidos do passado.” (ASSIS; CORDEIRO, 2013, 196). Aquele que constrói a história deve buscar a perspectiva daqueles que “fracassaram”, dos sem voz na sociedade.

Seria conveniente explorarmos todas as teses e o desenvolvimento do pensamento de Walter Benjamin nas mesmas, porém, não é este o escopo desse trabalho. Assim, tomando como base a leitura feita por Raimundo de Assis e Veridiana Cordeiro, destacaremos o “núcleo duro” das teses, agrupando-as conforme sugeridos pelos autores acima e destacando o conteúdo desse núcleo.

O primeiro ponto nuclear é a questão da teologia presente no pensamento de Walter Benjamin. Mesmo não se mostrando um judeu praticante, Benjamin revela nalgumas imagens nas *Teses* conceitos presentes na teologia judaica. Assim, fica evidente nas teses 1, 8, 9 e 13 essa presença que não pode ser confundida com uma concepção comum do emprego da palavra “teologia”. Sua teologia busca o não revelado, o desconhecido, aquilo que a dialética não pode trazer para o pensamento no momento. Assim, a imagem do Messias, sua revelação quando for “o tempo de agora enquanto tempo messiânico resume a história de toda a humanidade numa prodigiosa abreviação, coincide exatamente com a figura que a história da humanidade ocupa no universo” (BENJAMIN, 1987, 226).

Essa figura não está centrada na concepção do Messias cristão, mas na aparição do redentor do judaísmo. Sua revelação é rápida e modificadora de toda a realidade. Surge no tempo de “agora” para modificar a realidade política e social. Ele, Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus –

AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

o Messias, não segue a ideia de progresso, mas irrompe na história para modificar a todo o estado de coisa vigente. Segundo comentaristas do pensamento benjaminiano, fica evidente que essa imagem remete à revolução do proletariado, a mudança causada quando estes assumirem o seu papel de modificadores da realidade.

O segundo elemento foi a contraposição ao historicismo e sua visão de progresso. Nas teses 9, 10 e 13 são retomadas as concepções de cultura mencionadas no texto *História e Coleccionismo: Eduard Fuchs*, especialmente a figura do anjo, a qual vai de encontro à cadeia de acontecimentos históricos. Este ser presente na literatura judaica faz o anúncio do verdadeiro conceito de história. O progresso do historicismo é uma distorção do anunciado pelo anjo.

Qual é esse conceito, afinal? A ideia de um tempo que é vivo agora. Não um tempo quantificado e dividido em partes iguais. Assim, fazer história é uma ação do e no presente. O passado se torna uma imagem do passado quando o momento presente a captura e o articula com o agora (BENJAMIN, 1987, 224).

O terceiro elemento das teses é a articulação histórica do passado como uma “reminiscência”, como de fixar uma imagem do passado como se apresenta (BENJAMIN, 1987, 224). A crítica presente nas teses 16 e 17 é contra essa linearidade temporal, fazendo o historiador preencher as lacunas para ter um tempo que seja homogêneo e bem ajustado.

Com essa atitude, aquele que controle a história demonstra uma “empatia”, demonstrada na captação de sentido de ato e fatos que aconteceram, sem o uso de uma postura crítica. Relações causais são estabelecidas a partir do que se apresenta no presente, dando uma imagem do passado como “experiência única”. Nesse caso, a reconstrução da história é sempre na visão dos vencedores. Para vencer isso, deve-se buscar o olhar daqueles que foram vencidos, um “escrever histórico a contrapelo”. O ideal é um resgate dos momentos ocorridos a partir de um olhar do momento presente.

O quarto ponto nuclear está na luta de classes. O passado está condicionado pela visão das classes dominantes, perpetuando a visão dos vencedores. Essa

mesma luta condiciona o uso de certos bens culturais que foram capturados, Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus –

AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

“produtos da barbárie” que são conduzidos num cortejo triunfante (BENJAMIN, 1987, 225).

A concepção benjaminiana é que todos os acontecimentos ocorridos façam parte da História. Nada deve ser perdido para a história (BENJAMIN, 1987, 223). Para isso, o historiador deve ir colecionando os pequenos registros dos indivíduos oprimidos, reorganizando esses fragmentos a partir do momento presente. Isso será a forma de superação das contradições que ora existem na historiografia.

Finalmente, o quinto ponto central das teses é a imagem da redenção. As imagens colecionadas do passado abririam caminho para a redenção. O presente é alertado pelas imagens dadas pelo passado. Nesse caso “a consciência de fazer explodir o *continuum* da história é própria das classes revolucionárias no momento da ação” (BENJAMIN, 1987, 230). O Messias (imagem do libertador do povo judeu) interromperia a continuidade da história. Esse simbolismo teológico da redenção se apresenta claramente nas teses 2, 3 e 5.

Em suma, a concepção de Walter Benjamin quanto ao que seja a história procura romper com a tradição positivista que se faz presente no historicismo. O historiador deve deixar de fazer uso de uma coleção de bens culturais em geral para a construção dos fatos históricos. Ao contrário, deve buscar nos pequenos artefatos, na vida daqueles que deram seu sangue para construir o que é posto hoje. O progresso é fruto da barbárie, sendo necessário depô-lo por meio das histórias dos vencidos. Nada deve ser perdido de análise. Essa ação mobilizaria a luta de classes que traria a redenção para os oprimidos.

2 Hermann Dooyeweerd

2.1 Breve Biografia

Hermann Dooyeweerd foi também um pensador europeu que viveu no início do século XX na Europa, especificamente na Holanda. Filho de pais calvinistas, Dooyeweerd nasceu em Amsterdã em 7 de outubro de 1894. Filho dos missionários cristãos Hemen Dooijeweerd e Maria C. Spaling, a família seguia as ideias do

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

reformador neocalvinista Abraham Kuyper (1837-1920), o qual exerceu forte influência na Holanda de então, chegando a ocupar o cargo de Primeiro Ministro Holandês.

Importa destacar que o neocalvinismo foi um movimento de reforma cultural e religiosa que se desdobrou na Holanda, posteriormente noutros países europeus, procurando interpretar a visão calvinista de mundo para aquele momento histórico, no qual a influência da Revolução Francesa e do imperialismo bonapartista era forte (REICHOW, 2019). Kuyper não foi o primeiro a iniciar esse movimento, contudo, foi o grande divulgador. Ele foi pastor, editor de jornal, educador, reitor de universidade e galgou o cargo de Primeiro Ministro no país.

O ponto mais destacado do pensamento de Kuyper foi a noção de pluralidade de associações presentes na realidade criada por Deus. Assim, essas “esferas de soberania” deveriam conviver de forma harmoniosa, porém, sem interferir na ação uma das outras. A ideia principal é a pluriformidade da sociedade, a qual possui diversos agentes responsáveis pelo domínio (limitado) de uma atividade. Como exemplo é possível perceber a família, o Estado, a escola, as empresas, as artes etc. como esferas independentes entre si. O único elemento aglutinador entre eles é a soberania divina (REICHOW, 2019, 25).

Kuyper destacava ainda que não existe neutralidade nas ações humanas. Toda e qualquer ação humana teria um viés religioso em sua essência, seja em consonância ao Deus apresentado na Bíblia ou contrária ao mesmo (ídolos). Esse pensamento foi de encontro aos princípios da racionalidade e neutralidade que eram propagados pelo Iluminismo de então.

Além da influência Kuyperiana, Herman Dooyeweerd foi sensível aos estudos clássicos, dominando desde cedo a literatura, as línguas clássicas, a arte, sendo reconhecido na época como um “pianista completo” (OLIVEIRA, 2006, 78). Ao completar 18 anos o jovem Dooyeweerd foi estudar direito na Universidade Livre de Amsterdã. Esta instituição fora fundada por Kuyper em 1880 e tinha como fundamento o respeito às esferas de soberania. Assim, nem a igreja nem o Estado deveria intervir no processo educacional.

Ao concluir o curso universitário em 1916 foi trabalhar para o governo municipal de cidades como Harligen e, posteriormente, em Leiden (norte da Holanda). No ano
Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus –

AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

seguinte Dooyeweerd conseguiu doutorar-se em Direito na área de lei constitucional (OLIVEIRA, 2006, 79). De 1918 a 1921 ele trabalhou no Departamento Nacional de Trabalho, em Haia, como projetista legislativo.

No início de 1922, Dooyeweerd foi trabalhar na Fundação Dr. Abraham Kuyper, a qual era um órgão de pesquisa ao partido Antirrevolucionário holandês (criado por Kuyper). Sua função era desenvolver pesquisas e teorias relacionadas a questões legais, políticas e sociais, com base nos princípios do calvinismo. Esse período fomentou em Dooyeweerd o estabelecimento de uma filosofia com base nos princípios cristão e calvinistas. O pensamento de Dooyeweerd foi sistematizado em cinco grandes artigos publicados num jornal propagado pela Fundação Kuyper.

Em 1926 Dooyeweerd foi trabalhar na Universidade Livre de Amsterdã como professor de filosofia legal e História das leis, permanecendo ali até sua aposentadoria em 1965. No começo da década de 30, Dooyeweerd e seu cunhado, o filósofo Theodoor Vollenhoven, deram início a um movimento filosófico de caráter Reformacional chamado Associação para a Filosofia Calvinista [*Vereniging Voor Calvinistische Wijsbegeerte*]. Posteriormente essa associação passou a ser chamada de Associação para a Filosofia Cristã. Dentro do projeto da Associação estava a construção de um corpo teórico-sistemático que fosse baseado nos princípios das Escrituras e que desse explicação de toda a realidade. Essa teoria foi chamada posteriormente de Filosofia da Ideia de Lei ou Filosofia Cosmonômica (OLIVEIRA, 2006, 79).

A obra dooyeweerdiana é extensa, possuindo mais de duzentos livros e artigos sobre teoria legal, política, ontologia, epistemologia, filosofia da ciência, filosofia da História, estética, antropologia, filosofia da religião e teologia. Tamanho foi sua influência que o renomado professor G. E. Langemeijer, presidente da Academia Real de Ciência e Arte da Holanda, um convicto marxista, destacou que Dooyeweerd foi um dos mais originais filósofos que a Holanda já havia produzido, sem excetuar nem mesmo Baruch Spinoza (KALSBECK, 20015, 19). Mesmo com avançada idade, Dooyeweerd continuou produzindo pesquisas dentro da temática da filosofia cosmonômica, participando ainda de congressos na Europa e América do Norte. Ele

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

morreu em 1977 deixando nove filhos, muitos netos e uma vasta obra que procurou responder a várias questões do século XX.

2.2 Bases Conceituais

O pensamento dooyeweerdiano é vasto, abrangendo várias áreas do pensamento. Boa parte da sua estrutura filosófica estão esboçados no principal livro de Dooyeweerd, *A New Critique of Theoretical Thought*. Esta obra, dividida em quatro volumes apresenta os pressupostos filosóficos, uma crítica à filosofia humanista desde o início do pensamento ocidental, a teoria das esferas modais, sua teoria epistemológica, a estrutura da modalidade da realidade temporal e um vasto índice com definições de vários termos empregados na obra.

Para facilitar a compreensão do pensamento de Dooyeweerd, destacamos a seguir os pontos mais relevantes de seu pensamento, os quais facilitarão na compreensão de seu entendimento sobre a História.

2.2.1 O conceito de religião

À semelhança de Kuyper, Dooyeweerd admitia que na vida tudo tem uma raiz religiosa. A natureza da própria realidade está envolta nesse conceito. Afinal, tudo foi feito por Deus e para Ele (BIBLIA SAGRADA, Colossenses, 1:16). Daí a natureza humana apresentar um impulso religioso, o qual foi denominado por Calvino de *Sensus Divinitatis*. Este sempre será direcionado ou para o Criador de tudo, ou para a criação, no caso, um ídolo. Este pode ser qualquer construção humana, seja uma percepção, um afeto, uma ideologia, um lugar, uma pessoa etc. Portanto, tudo que é feito pelo homem é para glorificar a Deus ou desonrá-lo.

2.2.2 Realidade e Significado

Em decorrência da criação da humanidade e de tudo mais por Deus, existe uma relação de dependência entre Este e aquelas obras. Assim, o ser é insuficiente em si mesmo, estando sempre em relação ao Criador, de quem deriva a razão de sua existência.

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

Kalsbeek apresentou bem essa questão ao destacar que “considerando o ser criatural em origem, existência e meta, é essencialmente dependente, podemos dizer que “ser é significado”. Existe apenas um ser que não é significado: o Ser absoluto, autossuficiente e eterno, que é Deus (KALSBEK, 2015, 72). Nessa situação, portanto, tudo tem sua origem e finalidade (*telos*) em Deus.

2.2.3 Lei e ordem divina da Criação

Em decorrência da criação ser um ato da vontade divina, tudo segue uma estrutura previamente desenhada pelo Criador. Dooyeweerd apresenta isso como a “ideia de Lei”. Assim, tudo o que existe, dentro ou fora do humano, aponta para essa ideia. Sobre esse argumento Dooyeweerd estruturará seu pensamento filosófico, daí ser conhecido como Filosofia da Ideia Cosmonômica, a qual reporta a essa estrutura de “lei do cosmos”. Essa estrutura sustenta até hoje a realidade, manifestando, portanto, a soberania divina.

2.2.4 Os aspectos modais

Diante de uma estrutura cosmonômica, a noção de tempo é extremamente relevante para o pensamento dooyeweerdiano. O tempo diz respeito à maneira como a totalidade da criação é manifesta. Não envolve apenas duração ou continuidade. O tempo é o caminho pelo qual o significado total da criação se manifesta, apresentando significado. Noutras palavras, o tempo cósmico é expresso em uma diversidade modal.

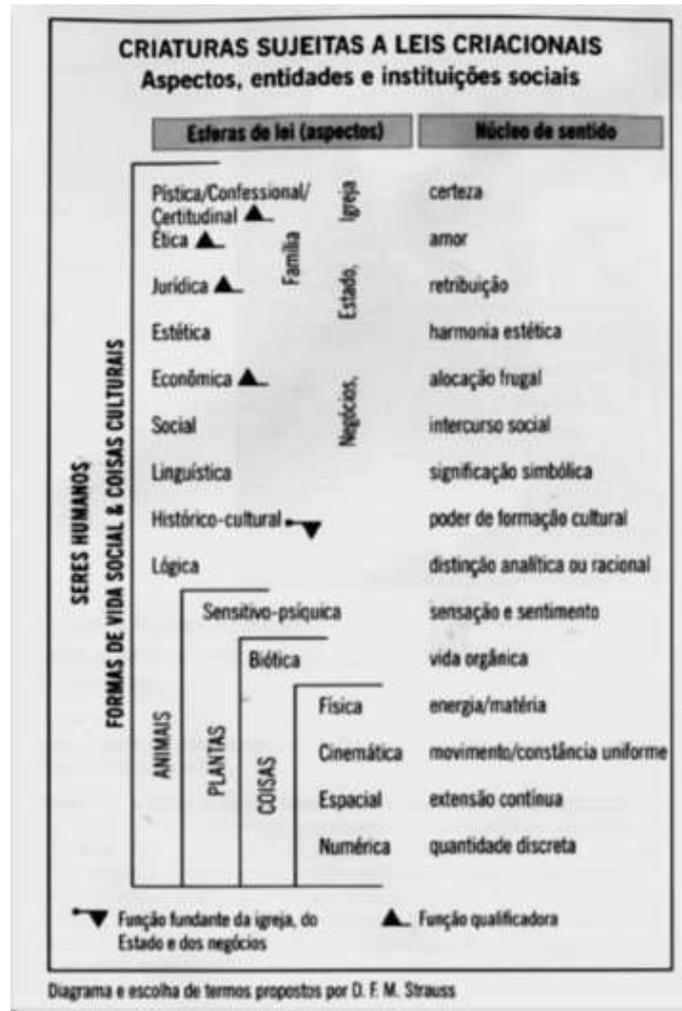
Essa estrutura modal pode se assemelhar a um prisma que recebe num lado a luz do sol e apresenta no outro os sete espectros dessa luz. Dessa forma, a totalidade de significado ao permear o prisma temporal apresenta quinze aspectos, ou modos distintos de significado da realidade. O próprio Dooyeweerd não foi dogmático quanto a esse número, abrindo possibilidade para a descoberta de outros aspectos modais. Cada um desses aspectos também é conhecido como esferas de lei, esferas de significado ou esferas da realidade. Cada uma delas é irreduzível em si mesma, não exercendo domínio ou prevalência sobre as demais. Na figura 1 são apresentados esses aspectos da realidade.

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

Figura 1 - Aspectos modais da realidade



Fonte: RAMOS *in* DOOYEWEERD, 2014, 26

2.2.5 Os motivos base religiosos

Diante da estrutura da realidade criacional, a qual possui significado apenas no Criador, Dooyeweerd estabeleceu sua crítica contra a neutralidade do pensamento teórico, sendo, portanto, um dos primeiros críticos do fundacionalismo. A base de suas observações está numa crítica transcendental do pensamento teórico. Assim, a construção do pensamento inicia num “eu” muito mais abrangente do que aquele apresentado por Kant, a quem são dirigidas várias das críticas dooyeweerdanas. Esse centro no qual são operadas as sínteses entre as formas *a priori* da sensibilidade e as categorias do entendimento é chamado de coração, o qual não se estrutura apenas

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

em aspectos lógicos, mas todos os outros como volição, sensação etc. Esse coração é por natureza fundamentalmente religioso.

Assim, o surgimento e desenvolvimento de uma cultura, incluindo aí todo o pensamento teórico da mesma, ocorreria sob a orientação de fé da sociedade onde está assentado. Essa fé é determinada por um “conhecimento religioso central”, que Dooyeweerd chamou de motivo básico religioso. Esses motivos básicos são como uma força motriz que atuaria no coração humano, direcionando indivíduos e sociedades a perceber a realidade segundo os pressupostos desse princípio. Tais motivos atuam no coração religioso, estendendo sua influência, portanto, a todas as ações humanas. A filosofia cosmonômica elenca quatro motivos ao longo da História:

a) Matéria-forma

Na estruturação do pensamento na Grécia antiga, a busca por um princípio (arché) será manifesto inicialmente nos mitos apresentados por Homero e Hesíodo. Porém, com o advento da filosofia, essa perspectiva mítica perdeu parte de sua força na cultura dos povos da Hélade. No sistema dooyeweerdano, “no que concerne a ideia de origem, contendo de um lado, as antigas religiões da natureza e, de outro, a nova religião cultural dos deuses olímpicos.” (REICHOW, 2019, p. 102). Daí a estrutura desse motivo base que se apresentava ora na concepção material da realidade, ora na forma de “religião da cultura”;

b) Criação-queda-redenção

Seguindo o encadeamento cronológico, Dooyeweerd apresenta o outro motivo que foi o cristão. Este, partindo da revelação bíblica apresenta o cosmo criado pelo Deus do cristianismo. Diferente no motivo matéria-forma, o que é material não é mau em si. A matéria traz assinaturas de um Criador que é bom (REICHOW, 2019, 105). Porém, o pecado manchou essa obra, sendo necessária a atuação divina para vencer esse agente estranho (por meio da redenção). Dooyeweerd apresenta ser este o único motivo que não cometeu reducionismos em razão de ter sua origem num absoluto: Deus.

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

c) Natureza-graça

No período do medievo ocorreu a tentativa de conciliação entre a visão grega da realidade e a visão cristã. Essa tentativa de síntese ficou mais claro na filosofia tomista, a qual apresentava um dualismo entre a Natureza (baseado nos princípios da filosofia aristotélica) e a graça (os ensinamentos das Escrituras e a igreja).

d) Natureza-liberdade

O motivo base anterior tentou compartimentalizar os dois princípios em “andares”, no qual ficava no superior os aspectos da graça e no inferior os da natureza. Com isso, abriu-se a possibilidade de uma separação entre as ações da religião e a atividade racional, ou seja, uma distinção entre fé e razão. Daí deriva o Dogma da Autonomia da razão que foi anteriormente citado. Esse dualismo se manifestará de maneira forte na modernidade, sendo ali substituída a graça pela ideia de liberdade humana. Como exemplo desse dualismo, apresenta-se a filosofia de Thomas Hobbes, o qual valorizava a ideia de uma natureza humana inata. Em contraste, Kant preferiu dar ênfase à liberdade da ação humana.

2.3. Uma Teoria da História, segundo os princípios cosmonômicos

Com base no que foi apresentado até aqui, é possível delinear, mesmo de forma breve, o conceito de História desenvolvido por Herman Dooyeweerd. Cabe destacar que a construção desse conceito está firmemente assentada na estrutura do pensamento dooyeweerdiano. Assim, ele empresta e serve de apoio para outros conceitos desenvolvidos pelo filósofo para explicar a realidade, conforme seu *corpus filosoficus*.

Importa destacar que o histórico é uma das quinze dimensões da realidade apresentadas por Dooyeweerd. Ele é um modo ou maneira da experiência, assim como o é o aspecto numérico, especial etc. Esse aspecto representa o “como” de eventos concretos. Porém, cabe destacar que existe uma dimensão desse aspecto que se refere ao “que” da História. Entretanto, em decorrência da perda do sentido da

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com
Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.
Email: fellows_theo@yahoo.com.br

realidade segundo o ponto de vista do Criador, o aspecto histórico acabou sendo absolutizado, recebendo na concepção dos historiadores o sentido concreto de “aquilo que aconteceu” e pronto.

Ao se realizar a análise de eventos para construir uma história, existe o recorte de vários aspectos que são relevantes para aqueles que vivenciaram os acontecimentos. Existem os outros aspectos que não são de caráter histórico e que são relevantes no processo formativo da realidade. A teoria acaba construindo um saber sobre um único elemento. Dooyeweerd (2018, 91) deixou claro que “o historicismo radical faz do ponto de vista histórico algo oníabrangente, absorvendo todos os outros aspectos do horizonte da experiência humana”. Existe neste caso, portanto, um reducionismo que encaminha o próprio ego humano, centro da consciência e religioso humano, a um fluxo contínuos de momentos históricos da consciência.

O próprio Dooyeweerd deixou claro que toda absolutização da realidade, a qual enfatiza um aspecto da mesma, configura-se como um “ismo”, como o biologismo, psicologismo ou o historicismo. O filósofo calvinista apresentou que essa tendência não pode ser teoricamente justificada porque ao se reduzir um dos aspectos modais a outro isso criará antinomias internas no próprio pensamento teórico. A razão para isso é decorrente da falta de um absoluto que oriente esse pensamento abstraído da realidade total (DOOYEWEERD, 2020, 30).

Não deve ser entendido, porém, que Dooyeweerd está negando a possibilidade de se “fazer história”. Ao contrário, ele deixa claro que “aquelas criaturas que possuem a habilidade de envolver-se no discernimento razoável e que têm uma percepção analítica são capazes de ser sujeitos no aspecto histórico” (DOOYEWEERD, 2020, 68). Contudo, existe a necessidade de serem percebidos esses fatos históricos numa perspectiva maior, mais abrangente, na qual operam todos os aspectos experienciais.

Cabe ainda destacar que tratar de aspectos históricos envolve a ideia de desenvolvimento, de progressão dos fatos. Essa ideia tem sua fonte no aspecto da contraposição do motivo base da liberdade em relação ao aspecto da natureza. Se com Descartes ocorreu uma mudança no paradigma de estruturação do saber,

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

infelizmente suas concepções levaram a uma matematização na formação do pensamento científico.

Entretanto, mesmo a sociedade moderna passou a ser interpretada conforme esse padrão matemático. A ordem social ainda apresentava no século XVII muito do regime feudal. Portanto, era necessário “destruir” os elementos componentes desse sistema e reconstruí-lo com atenção aos aspectos da individualidade e liberdade, conforme se supunha ser a base da estrutura natural que as ciências descobriram então. A ideia de controle foi um dos principais pontos defendidos pela ciência moderna.

Nesse processo de reconstrução foi pensado na construção de um corpo político absoluto que excluiria qualquer esfera interna de soberania. O Estado passou a ter primazia sobre a família ou a igreja (DOOYEWEERD, 2020, 99). Como resposta a essa perspectiva, Rousseau depreciou o ideal matemático, fechado de construção da sociedade, apresentado em perspectiva o “bom selvagem”, a ideia de liberdade e autonomia para o homem. Kant também seguiu desse diapasão, apresentando uma perspectiva do mundo natural apenas nos aspectos sensíveis. O ideal do filósofo de Königsberg era que “a liberdade e a autonomia volicional da personalidade humana não pertencem ao mundo da natureza, mas ao reino suprasensório da ética, o qual não se relaciona com o que é, mas com o que *deve-ser*” (DOOYEWEERD, 2020, 100).

A partir daí ganhou força a identidade de uma natureza e espírito livre como meio para o surgimento de um absoluto humano. A natureza deveria ser percebida como um organismo vivo, sempre desenvolvendo-se a partir de suas potências. O filósofo alemão Schelling foi um daqueles que proclamou o desenvolvimento em forma cada vez mais elevadas como uma operação do espírito do mundo, o qual trabalha como uma necessidade natural. Entretanto, tal desenvolvimento também acontece na história das mentes nacionais, como “potências espirituais da cultura humana”. E seguindo, portanto, um curso normal de desenvolvimento da cultura de uma localidade, a qual poderia ser estudada e apresentar as leis naturais que a regem.

No processo de “andar” da História, seguindo as ideias de Schelling, a liberdade criativa das nações se manifestaria em conformidade a uma necessidade natural de um processo orgânico. Isso aparece no historicismo como “forças inconscientes e

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com
Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.
Email: fellows_theo@yahoo.com.br

vitais” que operam no desenvolvimento dos fatos como se fossem leis orgânicas operando no corpo humano. Dooyeweerd (2015, 84) faz críticas a essa tendência a qual “pode servir como uma fuga da própria responsabilidade pelo curso do desenvolvimento natural”.

Por sua base no pensamento cristão, a filosofia dooyeweerdana não nega que exista um “poder” que foi confiado aos homens pelo Criador. Tal poder é o grande motor gerador do desenvolvimento cultural. Entretanto, esse poder é sempre cultural em si, não devendo ser usado para vantagem pessoal ou ganhos particulares. Assim, o poder deve ser usado para uma direção correta. Não consiste no uso da força bruta, mas na aplicação desta com sabedoria, pois terá que prestar contas de seus atos um dia.

A vontade historicista de dar um direcionamento à História parece ignorar o choque entre a tradição, a qual é por natureza conservadora e inerte, e a inovação, que é ignorada pela tradição como é superficial em seus princípios, porém, forte em suas ações. Não existe meios para ignorar ambas as causas da mudança na história. Mesmo a tradição, que normalmente é considerada “má” pelas forças inovadoras, serve de referencial para aquilo que se deseja mudar. Os problemas nas mudanças ou revoluções é a tentativa de reverter completamente a ordem existente. A Revolução Francesa tentou mudar a semana e a contagem dos anos, porém, foi obrigada a voltar e seguir as “velhas tradições”. Assim, a “humanidade não pode criar uma cultura genuína, enquanto destrói completamente o passado” (DOOYEWEERD, 2015, 89).

Infelizmente, na condição de criaturas tomadas pelo pecado, a tradição pode estar misturada com aspectos positivos e negativos. Dooyeweerd destaca que Hitler e o Nacional Socialismo alemão tomou como princípio para o estabelecimento de um novo Reich os antigos exemplos germânicos do *Gefolgschaft* (fidelidade), divinizando e protegendo o Grande Império Alemão. Assim, o ideal de um Estado diferenciado das outras esferas foi esquecido em prol de uma tradição que favorecia aos desejos de um “líder divino”, segundo a concepção do próprio Hitler.

O modo como o desenvolvimento histórico pode evitar essas situações é que se deve aceitar a riqueza das estruturas da criação, as quais são diferenciadas. Assim, deveria ocorrer uma diferenciação da cultura em seus diferentes aspectos nas várias

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com
Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.
Email: fellows_theo@yahoo.com.br

esferas de poder, seja na arte, ciência, Estado, igreja, indústria, escola, organizações voluntárias etc. Deve-se evitar o poder absoluto em apenas uma das esferas. A exemplo, o Estado, que é o poder da espada, não pode abarcar o homem em todos os seus relacionamentos culturais. Ele não pode dar respostas às questões da arte ou da ciência. Como qualquer esfera estabelecida por Deus, o poder de qualquer esfera é limitado àquela esfera de soberania. Mesmo a igreja não pode reivindicar o poder cultural (DOOYEWEERD, 2015, 97-98).

De uma forma geral, a crença historicista de um crescente progresso da humanidade, o qual pode ser concebido como linear ou dialético, não encontra na realidade uma referência clara a essa situação. Conte e sua ideia positiva de leis que guiaram o desenvolvimento da humanidade segundo os três estágios de desenvolvimento social acabou falhando ao ressaltar aspectos mecanicistas e idealistas no processo histórico. Em contrapartida, Marx apresenta uma dialética de oposição das classes, onde a redenção viria pelo estabelecimento de uma sociedade comunista por meio das mãos dos trabalhadores. Em ambos os casos, o que é percebido é que se atribui ao processo histórico uma meta estética “a qual seria, em sua leitura, a produção da obra de arte perfeita, na qual a natureza e a liberdade criativa encontrariam sua síntese suprema” (DOOYEWEERD, 2018, 109).

Quando quebrada a harmonia estabelecida entre as esferas surge a injustiça e suas consequências são observadas nos grandes desastres históricos, como a ascensão de regimes totalitários como o nacional-socialismo alemão. Somente o equilíbrio harmonioso entre cada esfera, respeitando o limite de atuação de cada uma poderia evitar a desarmonia e destruição da cultura humana. O ideal é cultivar o processo de diferenciação cultural, no qual cada esfera deverá expandir sua atuação, sem, contudo, solapar ou interferir nas demais. O reconhecimento e cultivo dessa particularidade não levam a perda de uma identidade histórica ou nacional. Ao contrário, valorizam as melhores características de cada povo e cada época. Na concepção de Dooyeweerd (2018, 115) “a absolutização de um aspecto particular, cujo sentido é apenas relativo, destrói seu sentido e, da mesma forma, resulta em uma ausência total de sentido”.

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

3 Aproximações e Distanciamentos

Inegavelmente que Walter Benjamin e Herman Dooyeweerd viveram o drama de uma Europa que sangrou com as novas divisões geopolíticas do final da primeira guerra e que criou os meios que fomentaram a segunda Grande Guerra. Benjamin sentiu essas agruras mais de perto ao vivenciar na Alemanha dos anos 30 o fortalecimento no nazismo e sua posterior perseguição aos judeus. Dooyeweerd experimentará essa situação de maneira secundária, tendo em vista que morava e trabalhava na Holanda, país mais afastado do Grande Conflito mundial.

Entretanto, ambos fazem uso de um antigo instrumento de pesquisa para fazer suas análises quanto à construção da história: a teologia. O filósofo holandês segue a concepção de uma teologia cristã, a qual possui uma linearidade, com um começo na Criação, a Queda do Homem pelo pecado e a restauração com o segundo advento de Cristo, o Messias cristão. Já Walter Benjamin faz uso de uma teologia com matiz judaica, a qual aguarda na manifestação do Messias o irromper das transformações políticas e sociais. Sua teologia segue uma concepção própria, mais aproveitando as imagens do que os personagens e eventos em si. Benjamin não aceitava uma concepção de sequência linear, mas de uma “revolução”, ou seja, de um explodir de transformações num breve momento.

Também é conveniente citar que ambos os autores viam o nacionalismo alemão como exemplos de uma disfunção do poder do Estado. O filósofo alemão como uma perda da visão, a cegueira quanto ao fascínio da industrialização que consumia a vida e a natureza, uma visão positivista da realidade, conforme se apresentava em concepções fascistas de poder. Nas suas *Teses*, o fascismo é como o Anticristo, um falso Messias que tenta dominar a consciência das pessoas. Já em Dooyeweerd, o nazismo seria uma clara extrapolação dos limites do Estado, passando a uma tentativa de domínios de total as demais áreas da realidade, o que seria uma injustiça, irrompendo como uma idolatria aos ensinamentos daquilo que o Criador estabeleceu na realidade.

Ambos os filósofos são críticos ao Positivismo como meio de construção da realidade. Dooyeweerd por ver nele uma estrutura que solapa as demais concepções da realidade, sendo, portanto, um reducionismo; e Benjamin por conceber no mesmo

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com
Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.
Email: fellows_theo@yahoo.com.br

um meio de dominação empregado para construir uma falsa concepção de progresso, alinhada à ação dos vencedores sobre as classes mais baixas da sociedade.

Noutro aspecto, ambos criticam o Marxismo. Benjamin pela aquiescência deste quanto ao progressismo herdado do positivismo. A ideia de uma melhoria para o futuro, tão somente, não encontra ecos no modo benjaminiano de ver a história. Esta será pensada mais como um “tempo saturado de agoras”. No caso de Dooyeweerd, este apresenta opiniões contrárias às ideias de Marx pelo aspecto mecanicista e idealista quanto à ação humana, longe de uma relação com Deus. Na sua concepção não se caminha para uma melhoria, mas para uma degradação do humano.

Entretanto, a concepção de ambos os filósofos toma caminhos distintos na construção do que seja a História. Dooyeweerd acredita na construção de uma história que respeite a esfera na qual essa se estabelece, dentre os vários aspectos da realidade apresentados em sua sistemática filosófica. O fazer histórico é apenas um dos vários aspectos a serem considerados. Possivelmente, o filósofo holandês aceite uma parte do historicismo ao vincular a construção de uma história com base naquilo que ocorreu. Não se apresentou nas referências consideradas uma clareza quanto a esse aspecto. Entretanto, o pensamento dooyeweerdiano deixa evidente que ao se construir uma teoria sobre um único elemento da realidade, no caso o histórico, acaba sendo aceito um reducionismo.

Noutro extremo, a filosofia benjaminiana traz um rompimento com essa construção do historicismo. A História deve aproveitar o lampejo do passado e construir uma nova realidade. Isso caberia ao historiador ao colecionar artefatos que demonstrassem a injustiça presente na luta de classes e motivassem o irromper da revolução.

Se em ambos os pensadores a Redenção é a consequência final da ação na História, ficou evidente que o agente principal é bem distinto. Benjamin tem uma perspectiva bem imanente, a qual vê na ação humana, essencialmente na luta dos dominados, um romper com o *status quo*. Dooyeweerd, ao contrário, se manifesta pela condução da realidade segundo a ação divina, transcendente, o que levará a um futuro que culminará com a Redenção em Cristo. A Ação humana apresenta-se como bem específica em ambos os autores.

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

Finalmente é relevante destacar que no pensamento de Walter Benjamin a revolução é ponto focal na construção de uma nova ordem. Essa mudança é a própria redenção da sociedade. Dooyeweerd vê a revolução com cuidado, especialmente como aplicada na Revolução Francesa a qual tentou modificar a ordem criacional como princípios dos dias, semanas e meses, além de estabelecer princípios baseados no Iluminismo e não na Revelação Divina.

CONCLUSÃO

O ser humano sempre possuiu um limitador em sua existência: o tempo. Por maiores que fossem suas conquistas ou sua riqueza, o tempo não permitia passar daquele limite. A falta de duração da experiência o limita de forma ingloriosa.

Para mitigar isso, desenvolveu-se a necessidade de “contar” o que foi, o que aconteceu, aquilo que substanciou o hoje. Assim, nasceu no século V a.C. a ideia de uma História, uma investigação que desse conta do que aconteceu, de narrar aquilo que foi feito.

Contudo, contar a História não é algo simples. Existe mais coisas “entre o céu e a terra, do que sonha nossa vã filosofia da História”. Implicações epistêmicas que dão base para a construção de uma História, está presente, mesmo que não tão explícitas, motivam o modo para se fazer a narrativa Histórica.

Tomando como base os conceitos dos pensadores Walter Benjamin e Herman Dooyeweerd, foi possível perceber um grande contraste no modo peculiar desses pensadores construir seu conceito do que seja a História humana. Fugindo da visão historicista, a qual bebeu no regato do positivismo, ambos os filósofos compartilharam de uma crítica ferrenha a essa maneira de edificar o que fosse a aventura humana na terra. Se Benjamin parte de uma visão mais imanente, esperando no Messias revolucionário, Dooyeweerd apresenta uma perspectiva mais imanente, na qual o divino opera por meio das leis que ele mesmo estabeleceu na realidade.

Se noutra aspecto o filósofo holandês apresenta uma estrutura da realidade que é dada pelo Criador e deve ser respeitada, noutra parte a visão benjaminiana destaca o irromper da realidade na ação revolucionária da quebra do paradigma existente.

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

São vários os contrastes, porém, a grande lição é da possibilidade de se fazer uma filosofia da história que considere outros pontos de vista, com uma atenção até para saberes como da teologia que embasaram a teoria de ambos. Fugir do óbvio e pensar o novo como algo possível de ser construído, é o que o pensamento desses filósofos apresentam, principalmente por meio do respeito ao outro e da atenção a um elemento inegociável de todos: a sua humanidade.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Teses sobre o conceito da história**. [s.l.: s.n.], 1987. Disponível em: http://www.academia.edu/download/39806908/BENJAMIN__Walter_-_Teses_sobre_o_conceito_de_historia.pdf. Acesso em: 04 out. 2020.

BOLZ, N. W. É preciso teologia para pensar o fim da História? In___: **Revista USP**, São Paulo, n. 15, p. 24-37, set. 1992. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/25664/27401>. Acesso em: 04 out. 2020.

DE ALMEIDA OLIVEIRA, F. *Philosophando Coram Deo*: uma apresentação panorâmica da vida, pensamento e antecedentes intelectuais de Herman Dooyeweerd. In___: **Fides reformata**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 73-100, 2006. Disponível em: <https://monergismo.com/wp-content/uploads/dooyeweerd-apresentacao-panoramica-fabiano-almeida.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

DE ASSIS, R. J. S.; CORDEIRO, V. D. A teoria da história em Walter Benjamin: uma construção entre “História e Coleccionismo: Eduard Fuchs” e as “teses sobre o conceito de história”. In___: **Revista de Teoria da História-Journal of Theory of History**, [s.l.], v. 10, n. 2, p. 185-207, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/29092>. Aceso em: 15 out 2020.

DOOYEWEERD, H. **Estado e soberania**. Tradução de Leonardo Ramos, Lucas G. Freire e Guilherme de Carvalho. São Paulo: Vida Nova, 2014.

DOOYEWEERD, H. **Raizes da Cultura Ocidental**. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

DOOYEWEERD, H. **No crepúsculo do pensamento Ocidental**. Tradução de Guilherme de Carvalho e Rodolfo Amorim Souza. Brasília, DF: Monergismo, 2018.

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Brasileiro, residente em Manaus – AM. Email: mjr2001@gmail.com

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Filosofia pela Technische Universität Berlin. Brasileiro, residente em Manaus - AM.

Email: fellows_theo@yahoo.com.br

DOOYEWEERD, H. **Filosofia cristã e o sentido da História**. Tradução: Fabrício Tavares de Moraes. Brasília, DF: Monergismo, 2020.

KALSBECK, L. **Contornos da filosofia cristã**. [s.l.]: Cultura Cristã (Casa Editora Presbiteriana), 2016.

MILMAN, L. Teologia e utopia na concepção da história de Walter Benjamin. In___: **Métis: história & cultura**, [s.l.], v. 2, n. 3, 2003. Disponível em: <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/download/1051/717>. Acesso em 04 out 2020.

REICHOW, J. K. **Reformai a vossa mente**. [s.l.]: Editora Monergismo, 2019.